

Título: Se Ne Tekrena: *imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico*

Autor: Vítor Henrique Guimarães Lima (Programa de Pós-Graduação em Comunicação / Universidade Federal Fluminense)

Eixo temático: Estética e Arte Ancestral

Introdução: “*Se ne Tekrena: os dentes e a língua. A língua ajuda os dentes a alimentar a vida do ser*”

Há, na Diáspora africana na América, uma grande complexidade na relação entre identidade étnica e identidade nacional. Ainda que alguns componentes sejam observáveis no cruzamento de toda essa geografia (a colonialidade e seu cinismo, a imaginação e a viabilização da existência), as possibilidades de formação de ambas e suas significações terminológicas são múltiplas. Elas são, enfim, ambíguas, o que torna a acomodação de seu estilhaçamento tectônico um grande desafio epistemológico.

Objetivo(s)

A intenção deste trabalho é experimentar as seguintes provocações. Nesse sentido, como seria possível elaborar um pensamento crítico que dê conta dessa fragmentação histórica e cultural promovida no contexto colonial? Como considerar a diversidade do pensamento e da estética da Diáspora, tendo em conta tanto os efeitos abrasantes e contundentes denunciados pela sua intelectualidade, quanto as forças criativas que surgem dessa riqueza difratada? Com isso, inspirado pelo pensamento relacional de Édouard Glissant e Kamau Brathwaite, experimentarei essa diversidade intelectual, artística e identitária a partir da ideia de *arquipélago sônico da diáspora*.

Metodologia

Para tanto, pretendo experimentar o diálogo no espectro multidimensional entre categorias de amefricanidade e criouldade, pensando principalmente a articulação / mobilização de diferentes imaginários de África nas manifestações estéticas artísticas (literárias, musicais, visuais) da Diáspora. Para essa discussão, trarei especialmente os seguintes autores: Victoria Santa Cruz, Leda Maria Martins, Patrick Chamoiseau, Édouard Glissant e Christina Sharpe.

Discussão

Há algumas intersecções bastante interessantes entre estes autores, mas ainda mais interessantes são os pontos de distinção de seus pensamentos. A fricção entre esses diferentes imaginários –

inventários de diferentes formas e volumes – nos põe de frente a desafios epistemológicos riquíssimos, nos levando a conhecer outros processos de filiação a identidades étnico-raciais e nacionais e a pluralidade da própria Diáspora. Essa diversidade me move a invocar o adinkra *se ne tekrema: a língua e os dentes*, onde mesmo tendo funções diferentes, ambos servem ao mesmo propósito: alimentar o ser. O que se percebe na história desse arquipélago são buscas pela autonomia identitária sem se submeter aos parâmetros europeus, e às vezes nem mesmo aos das ditas africanidades.

Considerações finais

A experimentação, a criatividade e a imaginação não estão totalmente destacadas da tragédia da escravidão colonial. O vivido durante esse período foi uma catástrofe existencial da experiência negra, e suas repercussões – seus vestígios – são sentidos de formas diversas, em acordo com os desenvolvimentos dessas estratégias de vivência e sobrevivência nas diferentes ilhas desse arquipélago. Os bogas colombianos, os contadores antilhanos, os griôs, terreiros e casas de angu brasileiros: todos fazem parte do ecossistema organicamente diverso que é a Diáspora.

3 a 5 palavras-chave: pensamento afrodiaspórico; paisagem sonora afrodiaspórica; amefricanidade; criouldade; ancestralidade.